

Viagem ao redor de Mama Gaia: relato de uma proposta curricular feminista e decolonial para o novo Ensino Médio em Goiás

Viagem ao redor de Mama Gaia: reporte de una propuesta curricular feminista y decolonial para la nueva Enseñanza media en Goiás

Viagem ao redor de Mama Gaia: report of a feminist and decolonial curriculum proposal for the new High School in Goiás

Jordana Avelino dos Reis¹
Letícia Ferreira Guedes Cezario²

Resumo

O relato de nossa experiência envolve a construção do novo Documento Curricular Etapa Ensino Médio do Estado de Goiás, via proposição da lei 13.415/2017, sobre a reforma do Ensino Médio no Brasil. Os diversos estudos sobre o currículo revelam que a seleção de conhecimentos a serem estudados na educação tornam o nosso ensino eurocêntrico, patriarcal, LGBTQIA+fóbico e racista. Essa reflexão nos mobilizou a propor algo diferente para Goiás ao elaboramos uma proposta de material para compor o novo Ensino Médio. Trata-se do Itinerário Formativo “Viagem ao redor de Mama Gaia”, uma trilha de formação e aprofundamento das áreas de conhecimento Ciências Humanas e Sociais aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias, com práticas de estudo e trabalho contra-hegemônicas, que objetivam ampliar os espaços às figuras femininas em suas diversas identidades e compõe a parte flexível do novo Ensino Médio. Nessa flexibilização, conforme lei da reforma educacional, estudantes terão autonomia para escolher qual trilha formativa desejam cursar. Estamos na etapa final de elaboração e homologação pelo Conselho Estadual de Educação em Goiás. Contudo, até chegarmos nessa etapa, passamos por uma longa jornada de estudos, entraves e aprendizados tais como: decolonialidade, feminismo, relações étnico-raciais e violência de gênero. Ressaltamos no documento que essa temática envolve a todas e todos, porque consideramos que a tratativa desses assuntos pode transformar as realidades sociais e educacionais, e essas transformações passam por uma abordagem pós-crítica e decolonial na qual são mobilizadas práticas contra hegemônicas e de resistência para empoderar as jovens e toda comunidade escolar.

Palavras-Chave: Currículo; Ensino Médio; Estudos feministas; Goiás; Reforma educacional

Resumen

El reporte de nuestra experiencia involucra la construcción del nuevo documento curricular Etapa Enseñanza Media del Estado de Goiás por intermedio de la ley 13.415/2017, lo de la reforma de la Enseñanza Media en Brasil. Los estudios sobre el currículo revelan que la selección de los conocimientos estudiados en la educación se convierte a una enseñanza eurocéntrica, patriarcal, LGBTQIA+fóbica y racista. Esa reflexión nos movilizó a proponer algo diferente para Goiás cuando elaboramos una nueva propuesta de material. Es el Itinerário Formativo “Viagem ao redor de Mama Gaia”, una ruta de formación y profundización a través de prácticas de estudio y un trabajo que consideramos contra hegemónico. Ese *Itinerário Formativo* tiene por objetivo ampliar los espacios a las figuras femeninas en sus diversas identidades y compone la parte elegible de la nueva Enseñanza Media. De acuerdo con la ley de la reforma educacional, estudiantes tendrán autonomía para elegir el recorrido formativo que desee. Estamos en la etapa final de elaboración y homologación por el *Conselho Estadual de Educação* en Goiás. Hasta esa etapa, pasamos por una larga jornada de estudios, obstáculos y mucho

¹Mestra em Linguística Aplicada ao Ensino de Espanhol; Doutoranda em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Goiás; Goiânia, Goiás, Brasil; jordanaavelinodosreis@gmail.com.

²Bacharela licenciada – Ciências Sociais habilitação em Sociologia; Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás; Goiânia, Goiás, Brasil; leticiafgeczario@gmail.com.

aprendizaje sobre los conocimientos, tales como: decolonialidad, feminismo, relaciones etno-raciales y violencia de género. Resaltamos en el documento que esa temática involucra a todos, porque tratar esos temas puede transformar las realidades sociales y educacionales de todos, y esas transformaciones pasan por el abordaje post-crítico y decolonial en que se movilizan prácticas contra hegemónicas y de resistencia para empoderar a jóvenes y sus comunidades escolares.

Palabras-Clave: Currículo; Enseñanza Media; Estudios feministas; Goiás; Reforma educacional

Abstract

The report of our experience involves the construction of the new curricular document Stage High School of the State of Goiás according to the law 13.415/2017, about the reform of the High School. The studies on the curriculum, especially the post-critical ones, reveal that the selection of knowledge to be studied in education makes our teaching eurocentric, patriarchal, homophobic, and racist. This reflection mobilized us to propose something different for Goiás, a material that will compose the new high school. The Formative Itinerary “Viagem ao redor de Mama Gaia” is a way of formation and deepening in the areas of knowledge Applied Human and Social Sciences and Languages and their Technologies, with practices of against hegemonic education. This Itinerary has the objective to expand the spaces to female figures in their diverse identities and makes up the flexible part of the new High School. In this flexibility, according to the educational reform law, students will have autonomy to choose which training path they want to take. We are in the stage of preparation and approval by the Education Council in Goiás. Until we reach this stage, we have gone through a journey of studies and learning about the concepts of the knowledge fields involved, such as: decoloniality, feminism, ethnic-racial relations and gender violence. This knowledge can transform the social and educational realities of all, transformations that undergo a post-critical and decolonial approach in which practices against hegemonic and social resistance to empower young girls and the entire school community.

Keywords: Curriculum; High school; Feminist studies; Goiás; Educational reform.

1. Introdução: contexto da proposta curricular

A concepção de currículo carrega múltiplas definições e assume diferentes variáveis, dependendo dos tempos históricos, contextos sociais, regionais e culturais. Estudos pós-críticos sobre o currículo (SILVA, 1999; LOURO, 2000) revelam como a escola desempenha um importante papel na reprodução das desigualdades quando a transmissão dos conhecimentos às estudantes³ acaba por seguir, por exemplo, as regras da divisão sexual do trabalho na sociedade ou quando a seleção dos conhecimentos revela divisões sociais e legitimam alguns grupos em detrimento de outros.

Os documentos que orientam a educação, bem como a escola de modo geral, revelam em si mesmos campos das mais diversas disputas e, dessa forma, expressam questões importantes de luta e enfrentamento de poder. Sob esta ótica de disputas de espaços, é necessário refletir sobre a perspectiva emancipatória na educação e o papel da escola dentro da discussão de gênero.

³Convidamos a você que está lendo esse texto a repensar a temática sobre gênero inclusive na linguagem. Assim como Borba (2018, p. 248) acreditamos que aquilo que fazemos com a língua e dizemos sobre ela “não podem ser vistas como questões secundárias se quisermos entender momentos históricos de turbulência social e política.”

Para Silva (1999, p.197), o poder é precisamente “aquilo que divide o currículo”, determinando o que cada um pode ou não pode fazer. O currículo separa e institui cada sujeito, informando o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Conforme Ferreira (2016), nota-se que o currículo existente ainda continua claramente masculino, uma vez que anula o potencial feminino para as ‘coisas’ do mundo, colocando a mulher submissa ao homem diante das potencialidades de ambos.

De acordo com Silva (1999, p.93), o currículo “é a expressão da cosmovisão masculina”, pois coloca em evidência características que remetem aos conhecimentos e as experiências ditas masculinas: o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição. São precisamente essas características que conferem ao currículo seu caráter masculino e machista. Para o autor,

esse falocentrismo do currículo tem implicações não apenas para a formação da identidade feminina, como também é evidente para a produção da identidade masculina [...]. Um currículo masculinamente organizado contribui, centralmente, para reproduzir e reforçar o domínio masculino sobre as mulheres (SILVA, 1999, p. 189).

Esse contexto falocêntrico de ensino é algo que sempre nos mobilizou a pensar propostas contra-hegemônicas, de resistência e reexistência (SOUZA, 2011). Entendemos resistência a recusa à coisificação do indivíduo reconhecendo, em um primeiro momento a força da ideologia que impulsiona a massificação (ADORNO, 1980).

Além do recorte de gênero, consideramos o recorte racial importante para o nosso estudo. Ao estudar sobre práticas de letramentos no hip-hop, Souza (2011) cunhou o termo “Letramentos reexistência”. Segundo a autora (2011, p.157), “os letramentos singulares praticados pelo grupo de participantes da pesquisa têm lhes permitido redimensionar suas identidades, ressignificando papéis sociais a eles atribuídos por uma sociedade marcada pelas desigualdades raciais e sociais.” Logo, para a autora, nos letramentos de reexistência

os discursos e as práticas letradas dão visibilidade a um segmento socialmente invisibilizado – majoritariamente construído por negros e negras, jovens, que moram nas regiões periféricas urbanas e passam pela escola pública. [...] Considerando-se o histórico da população negra no Brasil, para além de resistir, há que reexistir também por meio da linguagem, impondo outra escrita, outra oralidade que é letrada e que possa caminhar na contramão das diversas estatísticas em relação à população negra no universo letrado. (SOUZA, 2011, p.158 – 159)

Aquilo que nos atravessa e nos move à mudança também elabora forças que ampliam a potência dos corpos e cria possibilidades. Louro (2000) apresenta a possibilidade de uma

prática educacional não-sexista, quando recusamos a posição postulada e possibilitamos a discussão de novas formas de trabalhar a educação.

Com o advento da reforma do Ensino Médio, em 2019 aproveitamos a necessidade da reestruturação curricular para propor um trabalho pedagógico focado em questões que abrem espaços para as potências femininas e visibilizam temáticas de gênero, raça e classe. Conforme a lei 13.145/2017, que estabelece uma reforma do Ensino Médio, a estudante deve cumprir uma carga de 1.800 horas de formação básica contemplando os componentes curriculares das quatro áreas de conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. Além disso, de acordo com o novo Ensino Médio, a jovem pode também escolher, por meio dos Itinerários Formativos, em qual área pretende se aprofundar.

Segundo os Referenciais Curriculares para Elaboração dos Itinerários Formativos (BRASIL, 2018, p.5), essas propostas pedagógicas são formadas por Unidades Curriculares (cursos, oficinas, eletivas, módulos, disciplinas) de caráter interdisciplinar e devem considerar a realidade da jovem, o contexto local, os recursos disponíveis nas escolas e a demanda de profissionais. Ao decidir por um itinerário, a estudante percorre uma trilha formativa que perpassa por quatro eixos estruturantes: Investigação Científica, Processos Criativos, Mediação e Intervenção Sociocultural e Empreendedorismo.

Em cada eixo são desenvolvidas habilidades gerais e específicas que compreendem ações como: conhecer, compreender, aplicar, analisar, avaliar e criar. O tema/conteúdo ou os objetos de conhecimento dependerão do tipo de itinerário. Logo, a equipe de redatoras elaborou dois Itinerários Formativos para cada uma das áreas de conhecimento e seis integrados entre áreas, totalizando catorze propostas curriculares.

2. A proposta curricular “Viagem ao redor de Mama Gaia”

Considerando as especificidades do Novo Ensino Médio supracitadas e diante do contexto problematizado nos estudos pós-críticos do currículo, elaboramos uma proposta de Itinerário Formativo integrado entre Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias para compor o novo Documento Curricular para Goiás – Etapa Ensino Médio (DC-GOEM). Chama-se “*Viagem ao redor de Mama Gaia*”.

O objetivo geral do Itinerário Formativo é oportunizar ao grupo discente estudos sobre gênero e abrir para as figuras femininas refletindo a organização dos papéis sociais a partir do estudo sobre as figuras femininas em suas múltiplas identidades. A estrutura é fundamentada

em 4 módulos que perpassam pela investigação da vida e obra de atletas, cientistas, educadoras, escritoras, filósofas, geógrafas, historiadoras de diversas nacionalidades, etnias e raças.

No contexto local, a proposta abarca o estudo sobre as mulheres do estado de Goiás presentes em comunidades quilombolas, indígenas e itinerantes (ciganas, circenses etc.). Possibilitando também a visibilidade às mulheres do bairro, região ou cidade: donas de casa, costureiras, líderes comunitárias, agricultoras, mães solas etc. Busca-se desenvolver junto à estudante noções básicas de leitura de mundo, respeito às diferenças e alteridade utilizando-se da realização de pesquisas, produções e comunicações, criatividade e iniciativa para projetar e implementar soluções que envolvam as questões sociais e profissionais.

As soluções construídas deverão ser apresentadas para a comunidade escolar de modo que tais práticas poderão paulatinamente empoderar e influenciar jovens estudantes e suas comunidades em sua formação humana, crítica e integral, promovendo a participação individual e coletiva em ações que melhorem a qualidade de vida das pessoas, conhecendo e refletindo sobre conceitos que abarcam múltiplas temáticas, tais como: legislação, movimentos sociais, direitos humanos entre outros.

É importante ressaltar que a proposta não está direcionada apenas às jovens estudantes cisgêneras, mas a todas tendo em vista que os efeitos da desigualdade de gênero (por exemplo, a violência contra a mulher ou LGBQTQIA+fobia), envolvem a educação e conscientização de toda a sociedade. A respeito da marcação “es” em “todes, Borba (2018) problematiza em seu artigo perspectivas que nos levam a considerar que a língua pode ser excludente e opressora em relação à comunidade LGBQTQIA+ especialmente, quando eliminamos certas vivências por conta da obrigação do masculino genérico.

Além da questão gênero, consideramos importante problematizar o recorte “raça” na linguagem. Pinto (2018) no artigo “Ideologias linguísticas e a instituição de hierarquias raciais” desvela a ideia de neutralidade da linguagem e nos explica como seus mecanismos metapragmáticos de constituição nos oferecem as ferramentas para que reflitamos a racialização no campo da linguagem. Por isso, consideramos importante fazer essa marcação linguística neste texto, tendo em vista todas as possibilidades de abordagem das questões históricas e sociais que o Itinerário Formativo “Viagem ao redor de Mama Gaia” pode abarcar.

Dentro da estrutura do Itinerário Formativo ao perpassar o eixo investigação científica, estudante e docente podem também direcionar um olhar especial, usando como pano de fundo os elementos investigativos e a linguagem científica próprio das ciências não exatas, para os

marcos legais do Brasil e do estado (lei do feminicídio, Maria da Penha), LGBTQIA+fobia, cisnormatividade e heteronormatividade, ondas do feminismo, feminismo negro e indígena, termos em língua inglesa sobre a violência de gênero (*manterrupting*, *mansplaining* etc.), masculinidade tóxica, estatísticas em Goiás, no Brasil e no mundo, assédio, “*juventudes embarazadas*”, violência doméstica, aborto etc..

Em seguida, no eixo “Processos criativos”, a equipe escolar pode desenvolver, conforme possibilidade local e escolhas das educadoras junto às jovens, trabalhos de criação: curta-metragem, documentário, livro coletivo, exposições, saraus, *slams*, videominuto, *podcasts* etc. para serem apresentados e refletidos primeiramente na escola com seus pares. Em seguida, docentes e discentes devem ampliar os saberes para toda a comunidade escolar, bairro ou cidade.

No eixo “Mediação e Intervenção Sociocultural”, os gêneros discursivos e digitais supracitados bem como outros de escolha discente podem ser explorados na comunidade escolar com objetivo de desenvolver potencialidades de mediação de conflitos e intervenções no contexto local das discentes. Outras possibilidades desse eixo podem envolver a organização de eventos culturais na comunidade escolar: seminários, simpósios, encontros formativos, colóquios, feiras e exposições, de modo que os grupos podem apresentar e socializar os trabalhos desenvolvidos no eixo estruturante “processos criativos”. Nessa etapa, estudante e docente precisam se conectar com a comunidade em geral para descobrir as potencialidades femininas na região que podem contribuir no processo de planejamento de ações sociais na comunidade via educação.

Em um último momento, o documento apresenta um aspecto social ao empreendedorismo. Inicialmente as diretrizes estabelecidas pela reforma do Ensino Médio consideram apenas o termo “empreendedorismo”, no entanto, tendo em vista todas as perspectivas sociais, de gênero e étnico-raciais supracitadas, decidimos que englobar o termo “social” ao empreendedorismo porque o desenvolvimento desse eixo estrutura envolve uma ação e intervenção para além de processos individualizantes.

As parcerias que podem ser desenvolvidas entre escolas e os mais diversos órgãos sociais, entre eles os de proteção e apoio à mulher. Exemplo de órgãos existentes em Goiás: Centro de Valorização da Mulher (Cevam), organizações não governamentais (Ongs), coletivos feministas (Dandara, Rosa Parks, Olga Benário, Pagu) buscando criar e/ou fortalecer coletivos e/ou organizações não governamentais que proponham apoio às questões de gênero observadas na localidade escolar.

A cada eixo estruturante podem ser desenvolvidos trabalhos de criação sobre essas temáticas, tais como: curta-metragem, documentário, livro coletivo, exposições, saraus, *slams*, videominuto, *podcasts* etc. É importante salientar que as figuras femininas não são objetos de pesquisa, mas são coparticipantes do processo, pois elas se encontram nas comunidades locais, suas trajetórias são visibilizadas por elas mesmas e em aspecto nacional e internacional suas produções representam também seus lugares de fala, suas identidades e suas formas de ver o mundo. Desse modo, elas estão onipresentes por meio de suas obras e criações.

O material tem aproximadamente 30 páginas com a apresentação de um texto introdutório explicativo contendo: tema, objetivos, estrutura do Itinerário Formativo, objetos de conhecimento, competências da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) e das áreas de conhecimento e propostas de trabalho. Em seguida, apresentamos um quadro com quatro colunas: Eixo, Habilidade (pré-determinadas pelos Referenciais), objetos de conhecimentos e práticas sugeridas (como desenvolver a habilidade). Segue Figura 1 que representa o recorte do material com tais dados:

VIAGEM AO REDOR DE MAMA GAIA - ITINERÁRIO INTEGRADO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
APLICADAS E LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

“E não há quem ponha um ponto final na história”

Perfil do/a docente: preferencialmente professores/as que tenham formação nas áreas contempladas e que possam trabalhar em conjunto entre si.

Recursos Necessários: Data show, computador, caixa de som, cópias de materiais, livros, aparelho de gravação para os *podcasts* etc.

Carga horária

Eixo	Habilidade	Objetos de Conhecimento	Práticas Sugeridas (como desenvolver a habilidade) ²
Iniciação Científica	(EMIFCG01) Analisar as representações das personalidades femininas nos diversos contextos: sociais, econômicos, políticos, familiares, culturais e laborais.	Em esfera global 1- Figuras femininas (inter)nacionais: <i>vide</i> "Referências" no apêndice para auxiliar a busca;	Sugere que o/a estudante realize a Iniciação Científica em duas etapas (global e local). O/A estudante deverá: 1- Selecionar uma personalidade feminina;
		Em esfera local 2- Figuras femininas goianas: <i>vide</i> "Referências" no apêndice para auxiliar a busca.	2- Escolher uma metodologia de pesquisa: bibliográficas, estudo de caso, experimentais, de campo, exploratórias etc. 3 – Fazer curadoria das pesquisas realizadas avaliando a confiabilidade dos dados e das fontes; 4 - Analisar os pontos de vistas e discursos ideológicos contido nos dados gerados/coletados, 5 - Refletir sobre o contexto em que a personalidade feminina estava/está inserida, observando crenças, paradigmas, estereótipos etc.;
		Marxismo, Feminismo Radical e Sociologia: Princípios de uma fundamentação teórica para os feminismos.	6 - Referenciar fontes citadas. 7 - Apresentar para uma banca de professores/as a pesquisa desenvolvida. <i>Para a investigação em esfera local sugere-se o uso de instrumentos de pesquisa, tais como: entrevistas, questionários, anotações de campo, observações, narrativas etc.</i>

² **Material de Apoio:** BAIOCCHI, M. N. *Kalunga: povo da terra*. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2013.

NEVES, V. N. *Histórias resignificadas entre Glorinha Fulustreka e mulheres Kalunga do Riachão*. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Apêndice "Algumas referências femininas" para guiar a consulta.

Figura 1 - Estrutura do Itinerário Formativo “Viagem ao redor de Mama Gaia”. Fonte: Documento Curricular para Goiás – Etapa Ensino Médio (no prelo)

O quadro apresentado na Figura 1 propõe um percurso que se inicia no eixo Investigação Científica e conclui o trajeto formativo com o Empreendedorismo Social. Como afirmamos anteriormente, ele é composto por quatro colunas: eixo estruturante, habilidade a ser desenvolvida pelo grupo discente, objetos de conhecimento que podem ser mobilizados para desenvolver essa habilidade e práticas sugeridas que devem auxiliar o desenvolvimento das habilidades por equipe docente e estudantes.

A carga-horária ainda será normatizada pela Secretaria de Estado de Educação de Goiás (Seduc-GO) e vai corresponder a uma parte do módulo de estudo, podendo variar conforme abordagem e realidade da escola.

As habilidades dos eixos estruturantes estão pré-determinadas pelos Referenciais Curriculares para elaboração de Itinerários Formativos (BRASIL, 2018). Na figura 1 temos a seguinte habilidade:

Excerto 1: **Analisar** as representações das personalidades femininas nos diversos contextos: sociais, econômicos, políticos, familiares, culturais e laborais. (grifo nosso)

O verbo “analisar” corresponde a ação que deve ser desenvolvida pelo grupo discente. O complemento desse verbo [*“as representações das personalidades femininas nos diversos contextos: sociais, econômicos, políticos, familiares, culturais e laborais.”*] é o objeto de conhecimento que deve ser mobilizado nas aulas desse Itinerário Formativo. Os objetos de conhecimento anteriormente se apresentavam nos currículos como conteúdos. Não precisam ser estudados na sequência apresentada no quadro, mas de modo conjunto podem ser abordados inter e transdisciplinarmente pelo corpo docente.

No caso deste Itinerário Formativo, a abordagem transdisciplinar pode ser realizada via componentes curriculares das áreas de Ciências Humanas e Sociais aplicadas e Linguagens e suas tecnologias: Arte, Educação Física, Filosofia, Geografia, História, Línguas - Espanhola, Inglesa e Portuguesa - e Sociologia.

Embora o tema do Itinerário Formativo seja importante pelas abordagens temáticas, mencionadas na seção anterior, é preciso considerar que o foco é a habilidade [*“analisar”*]. Se bem desenvolvida nas aulas, via práticas sugeridas, esse processo permite construir uma autonomia nas juventudes da escola, porque quando houver o contato com outras temáticas as estratégias para se alcançar a “análise”, por exemplo, podem ser ressignificadas pelo corpo discente.

Sugerimos práticas mais ativas que envolvam tomada de decisões, protagonismo, coletividade e um processo gradual de construção do gênero discursivo (digital ou não). Mais do que a apresentação de um produto ao final de um processo para ser avaliado, consideramos que o essencial é vivenciar o percurso formativo para que estudantes tenham condições de desenvolver estratégias próprias de aprendizado junto ao corpo docente.

Além disso, apresentamos também o perfil do docente, inserindo as possibilidades de diálogo entre áreas, por meio de um trabalho conjunto, e os recursos necessários para se colocar em prática as atividades propostas no quadro.

Ao final desta proposta há algumas sugestões de materiais complementares (livros, documentários, filmes, vídeos etc.) para auxiliar no processo de pesquisa e implementação na sala de aula. As sugestões de materiais aparecem complementadas por algumas referências de figuras femininas, como apresentamos na Figura 2, para que docente e estudante possam consultar, recorrer e ampliar conforme o aparecimento de outras referências femininas na sociedade, ao longo dos anos.

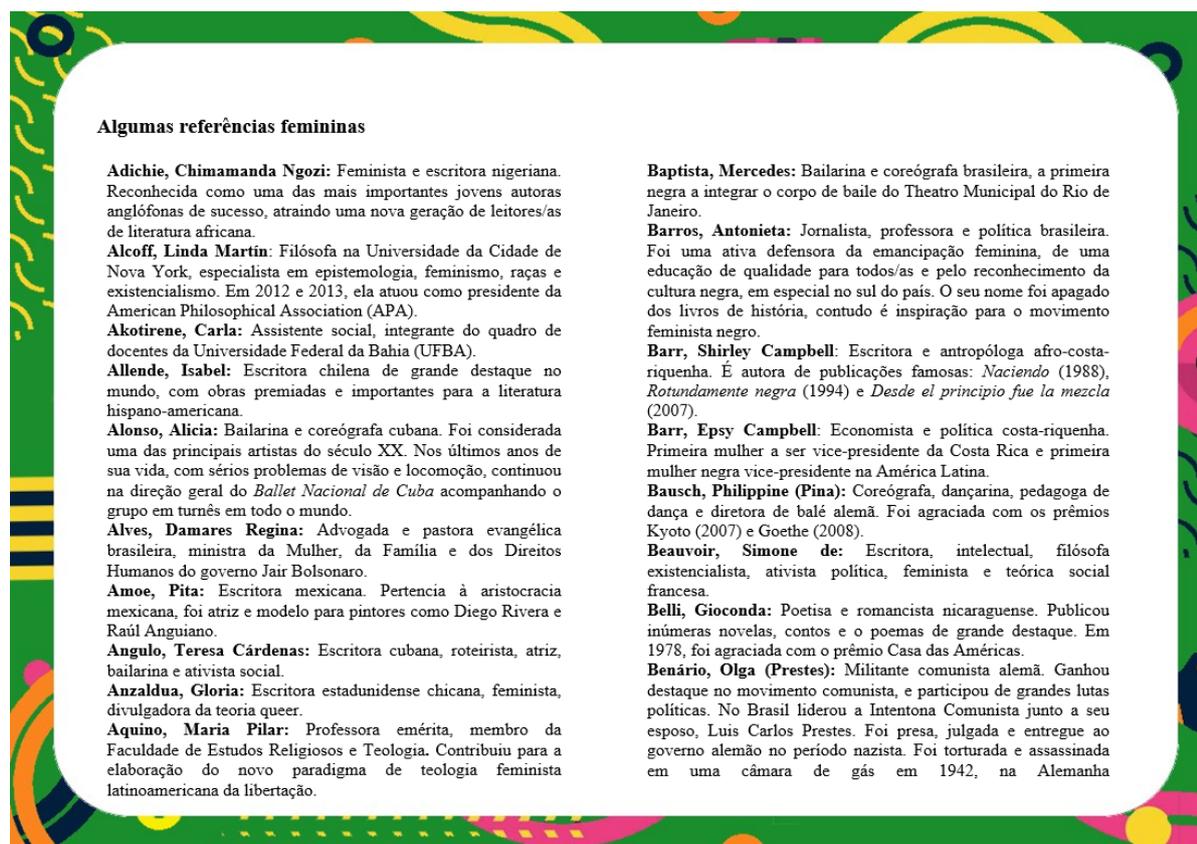


Figura 2 – Parte das referências femininas presentes no Itinerário Formativo “Viagem ao redor de Mama Gaia”. Fonte: Documento Curricular para Goiás – Etapa Ensino Médio (no prelo)

Parte importante da construção do Itinerário Formativo perpassa pela possibilidade de estudante e docente alimentar o material com novas referências importantes para o estudo, pois o Itinerário Formativo sempre pode ser ressignificado conforme realidades de tempo e espaço. Considerando a amplitude desse trabalho, temos plena consciência de que as figuras referenciadas no documento se constituem uma parte mínima de mulheres cis e trans, indígenas, negras, hispano-americanas, afro-ameríndias, quilombolas e profissionais de diversas áreas.

3. Algumas considerações: relevâncias e inquietudes

Esse Itinerário Formativo integra duas áreas de conhecimento: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias. É um material que está em vias de aprovação pelo Conselho Estadual de Educação de Goiás. Caso isso ocorra, em 2021, inicia-se o processo de implementação com formações de professoras, estudos sistemáticos e ajustes para se colocar em prática essa e outras propostas curriculares.

No entanto, precisamos ressaltar que tivemos alguns entraves até chegar ao processo de fechamento da elaboração do documento. Em consulta pública, realizada entre os dias 28 de novembro de 2019 e 29 de janeiro de 2020, dentre as 20 mil contribuições, alguns membros da comunidade escolar levantaram questionamentos sobre a aderência das e dos estudantes e o foco às figuras femininas, considerando que isso poderia “excluir” os homens e eles não se interessariam pelo Itinerário Formativo.

Algumas pessoas de nosso próprio grupo questionaram essa proposta. Alegaram que seria militância, levantamento de bandeira política, envolvia questões ideológicas de cunho polêmico e que estudantes do gênero masculino poderiam se sentir excluídos como se esses elementos estivessem desconectados dos processos educacionais. Como já mencionamos, o currículo é política e carrega em si uma disputa de poderes, espaços e discursos.

Nesse sentido, as palavras de Freire (2009) sobre leitura de mundo e educação nos tocam profundamente e explicam nosso posicionamento enquanto educadoras. Ele afirma que

tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto, contra quem e contra o quê, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política (FREIRE, 2009, p. 16).

O debruçar sobre tais temáticas, a visibilidade sobre as minorias sociais bem como as práticas de empoderamento em sala de aula fazem parte desse caráter indissociável entre educação e política. Acreditamos nesse processo, quando idealizamos essa proposta curricular.

É interessante notar que ao realizarmos tais propostas, ouvimos o uso desses argumentos como intento de barrar nossa iniciativa, como se nossa atuação não fosse positiva. No entanto, o lado perverso disso é que superintendentes e pessoas da ala política na educação solicitaram que evitássemos o uso dos termos “diversidade” e “gênero” em nossas propostas curriculares. E uma equipe revisora externa solicitou que retirássemos a expressão “não binário” para evitar polêmicas de cunho político na educação. Essa postura não foi questionada, ao contrário foi aceita com muita naturalidade. Tais fatos apenas confirmam a reflexão de Freire (2009) sobre educação e política. Se tudo o que fazemos na educação é indissociável da política, resta-nos saber de que lado político estamos, quando fazemos educação.

A marcação binária de gênero e a ideia de um gênero neutro foram questões linguísticas [e para nós políticas também] amplamente questionadas em nosso grupo. Algumas pessoas diziam que o uso da marcação binária (“os/as”) poderia poluir o texto. Essa concepção de pureza linguística é expressa com muita frequência em nossa sociedade. Borba (2018, p. 248) escreveu um artigo sobre o tema e considera que “tais propostas de mudança linguística, ao desessencializar o sistema, provocam inseguranças sobre o social que se materializam em práticas de vigilância da pureza da língua.” Para o autor, a língua é vista como um “reduto de certezas” portanto, as pessoas consideram as propostas de inclusão um disparate ou uma loucura e afirmam que não podem mexer com a estrutura dessa língua.

Houve também, no grupo de redatoras e redatores, uma discussão muito intensa sobre o uso do gênero neutro (x, @, e) para contemplar outras identidades de gênero. Esta seria uma marcação não binária. Houve constantes afirmações de que o gênero neutro virou “modinha” e militância. De acordo com parte do grupo, se alguém não adere é criticado e visto como tradicional e conservador, o uso das palavras “todas”, “todos” e “todes” para contemplar as identidades de gênero dar um caráter informal e tais marcações descaracterizariam um texto formal.

Márcia Tiburi (2018) nos diz que falar sobre gênero

nos leva à luta por direitos de todas, todes e todos [...] ‘Todes’ refere-se às pessoas que foram libertas pelo feminismo, que não precisam se identificar (ou não) com um

gênero específico, possuindo espaços para se reconhecer com novas expressões de gênero e sexualidade (TIBURI, 2018, p.79).

E sob esta lógica o sistema de subjugação utilizado por nossa sociedade acaba por incluir nos processos de desiguais todos os seres cujos corpos, atravessados pela linguagem que retira sua identificação, são medidos por seu utilitarismo.

Palra além desse processo foram produzidas piadas associadas ao personagem brasileiro humorístico “Mussum” que sempre colocava uma letra “i” ao final das palavras (“todis, vivis”). Essa associação a um personagem negro, pobre e analfabeto tem cunho político e social. Trata-se também da expressão de um racismo recreativo que é terreno fértil para a estigmatização da população negra em nosso país. Em uma seção intitulada “Mussum, o bêbado” presente no livro “Racismo Recreativo”, Moreira (2019) explica o significado desse tipo de racismo em nossa sociedade.

A representação de um personagem negro como algo ridículo, jocoso e esteticamente inferior é o mesmo teor dado por colegas de trabalho para o uso de “todes” como marcação neutra. É uma tentativa de desacreditar esse movimento linguístico e político, através do intento de provocar o riso. Esse debate faz parte da nossa proposta curricular feminista e se reverbera em nosso relato, tendo em vista que “Viagem ao redor de Mama Gaia” propõe intersecções entre gênero, raça, classe social, identidade de gênero, orientação sexual, etnia etc.

4. Últimas considerações

Essa construção enriqueceu o debate na elaboração do DC-GOEM, fazendo-se necessário ressaltar na própria escrita que gênero, muito além de uma categoria histórica, deve ser avaliado como uma categoria política para se observar as questões de igualdade e diferença indicando novas perspectivas de interpretação e transformação da realidade social por meio da educação, sendo desse modo um processo de corresponsabilização de todas e todos.

Embora nossa marcação nesse texto e em nossa proposta curricular tenha sido apenas binária por questões de protocolos acadêmicos de publicação e normatizações de políticas educacionais, ressaltamos a importância de se marcar linguisticamente a inclusão das diversas identidades de gênero porque acreditamos na indissociabilidade entre língua e política. Temos a concepção de língua enquanto prática social, política e ideológica e nossas escolhas linguísticas são também escolhas políticas.

É preciso também pensar que as práticas e atividades de empoderamento não estão direcionadas apenas às estudantes ou à uma perspectiva binária de gênero, mas a todas/es/os, tendo em vista que o conhecimento da sociedade, dos grupos e instituições sociais - via educação - pode auxiliar na redução dos efeitos da desigualdade de gênero.

A violência contra mulher, o patriarcado e a masculinidade tóxica, por exemplo, são problemáticas que envolvem a educação e conscientização de toda a sociedade. Consideramos que as transformações sociais e, sobretudo, educacionais passam por uma abordagem pós-crítica e decolonial na qual são mobilizadas práticas contra-hegemônicas e de resistência para empoderar as juventudes e toda comunidade escolar. O acolhimento e a tratativa desses assuntos produzem acolhimentos, reduzem as taxas de abandono escolar e evasão, pontos fortemente defendidos pelas autoridades como justificativa principal da reforma educacional.

Após a idealização deste Itinerário Formativo, nos anos seguintes, haverá um ciclo de implementação dessa proposta pedagógica em Goiás. Acreditamos que caso isso ocorra será uma grande conquista para o estado de Goiás, tendo em vista a importância desse tema na redução das desigualdades de gênero, perpassando pelo (re)conhecimento dessas tratativas para a transformação das realidades de violência de gênero e feminicídio vivenciadas pelas mulheres e o empoderamento das juventudes em suas trajetórias de formação.

Mendonça (2017) ao analisar as questões de gênero no Plano Nacional de Educação indica a produção do medo, e o pânico moral como sua consequência mais imediata, como um importantíssimo fator de estratégia política. A noção da possível neutralidade na educação coloca sob os grupos docentes o peso da indiferenciação dos saberes, renegando diretamente o espaço de poder que perpassa o currículo.

Nossa motivação ao percorrer todos esses enfrentamentos se pauta na reflexão que o espaço do currículo é um espaço de poder que abarca estratégias de distorção, interpretações dúbias e até mesmo de amedrontamento que buscam vetar discussões tão vitais para os processos formativos. Ainda que de forma implícita todos esses discursos estão embebidos em tentativas de governar, enquadrar e subjugar todos os diferentes sobre o único prisma que já está posto.

O currículo - esse território almejado e cobiçado porque é território de governo e de resistência; de formas e forças; do ensinar e do aprender; de normalização e de possibilidades -, é, também, um espaço incontrolável. Incontrolável porque em um currículo sempre há espaço para os encontros que escapam ao controle, que resistem e extrapolam ao planejado, que se abrem para a novidade. Paradoxalmente, exatamente por ser incontrolável, o currículo é escolhido para se fazer a coibição, o impedimento, a proibição e o controle dos temas gênero e sexualidade (PARAÍSO, 2016, p.20).

Atravessar a mudança linguística talvez seja o primeiro grande passo para darmos voz e controle, dentro de documentos institucionais oficiais, a todas as pessoas que, apresentando identidades cada vez mais multifacetadas, já não podem mais ser excluídas, silenciadas ou integradas em uma única forma padronizada de mostrar a realidade. Se durante tanto tempo esse espaço serviu à coibição, proibição e controle sob os corpos mais fragilizados é preciso subverter esses lugares. A indiferença frente a esses processos custa caro à sociedade cotidianamente - vide os processos de violência que acabam emergindo.

Combater pedagogicamente os problemas derivados das relações de gênero compreendendo as gigantescas implicações para a sociedade para além até mesmo das pautas identitárias é reconhecer que a educação é pautada por compromissos políticos contra qualquer forma de opressão. A emancipação é responsabilidade da escola e é necessário passar por ambas para realizarmos mudanças socialmente mais profundas.

Diante disso, é necessária uma convocação à resistência, a estratégias e mudanças de postura que desencadeiam as transformações tão necessárias ao nosso meio: o resistir cria possibilidades de reexistir. Não apenas resistimos a um modelo excludente estruturado em formas cristalizadas de legitimação, mas criamos “outras formas de dizer o já dito, imprimindo de forma indelével suas identidades sociais” (SOUZA, 2011, p. 158). Para a autora, isso não é apenas resistência, mas *reexistência*. Isto é, questionar o tratamento por vezes desrespeitoso e se posicionar como protagonistas com participação ativa na sociedade é reexistir (SOUZA, 2011). Acreditamos que via educação e abordagem dessas temáticas, nossa juventude terá condições de resistir e reexistir para desenvolvermos uma formação efetivamente humana, crítico-reflexiva e cidadã apta para mudar nossa realidade.

Referências

ADORNO, Theodor. *Posições do narrador no romance contemporâneo*. Os Pensadores, 1980.

BORBA, Rodrigo.; LOPES, Adriana Carvalho. *Escrituras de gênero e políticas de diferença: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar*. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.21, n. esp., 2018, p.241-285.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio*. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, Pág. 146. Brasília, 21 de dezembro de 2017. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 16 ago. 2020.

BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017* que modifica as diretrizes e bases da educação nacional Brasília, DF: Senado Federal, 2017. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 16 ago. 2020.

BRASIL. Portaria Nº 1.432, de 28 de dezembro de 2018. *Referenciais Curriculares para a Elaboração dos Itinerários Formativos*. Brasília, DF publicada no DO de 31/12/2018 31-12-2018 Seção 1, Pág. 60. Brasília, 31 de dezembro de 2018.

FERREIRA, Márcio Porciúcula. *Currículo, gênero e sexualidade: questões indispensáveis à formação docente*. Universidade Federal de Pelotas. 2016. Disponível em: periodicos.ufpa.br. Acesso realizado 16.ago 2020.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Em: FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 50ª ed. São Paulo: Cortez 2009, p.11-21.

GOIÁS. *Documento Curricular para o Estado de Goiás – Etapa Ensino Médio (DC-GOEM)*. Goiás: Conselho Estadual de Educação, 2020. No prelo.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MENDONÇA, Amanda André de. *Religião na escola: registros e polêmicas na rede estadual do Rio de Janeiro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: Polén, 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência*. Currículo sem fronteiras, v. 16, n. 3, 2016, p. 388-415.

PINTO, Joana Plaza. *Ideologias linguísticas e a instituição de hierarquias raciais*. Revista ABPN, v. 10, p.704-720, 2018.

SILVA, Tomas Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. BH: Autêntica, 1999.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola, 2011, p.85-170.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.